



Piá 21

Este caderno é parte integrante do informativo Eco da Tradição



Nº 141
Maio de 2013

O caderno Piá 21 é publicado mensalmente junto ao jornal Eco da Tradição, sob a responsabilidade da Vice-Presidente de Cultura do MTG - Neusa Marli Bonna Secchi

LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL

“Parte III”

Literatura Oral

Desde que o mundo é mundo o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, através da escrita rupestre entremeadada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. O conto é uma memória da comunidade, onde encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência.

A criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca, e portanto, de exercer sua cidadania. O encontro do seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psíquico-social.

Desde os tempos mais antigos que em todos os continentes surgiram histórias criadas pelo povo que eram depois contadas oralmente de geração em geração. Essas histórias, de origem popular, muitas vezes passaram de umas regiões para as outras, através dos mercadores e outros viajantes. O conjunto desses textos transmitidos oralmente constitui a literatura oral e tradicional.

Câmara Cascudo denomina “escritores verbais”, aqueles que de geração em geração persistem, com sua voz invocadora, a ressuscitar na fórmula viva do processo oral, o que não deve morrer no esquecimento. Quando o autor lança o conceito de literatura oral dentro de sua obra escrita entre 1945 e 1949 e publicada pela primeira vez em 1952, intitulada “Literatura Oral no Brasil”, ele revela um vasto panorama dos cruzamentos de nossas heranças culturais além de afirmar sua presença e vitalidade no espírito popular que a perpetua. Segundo Câmara Cascudo, a denominação literatura oral é de 1881, criada por Paul Sébillot: “La littérature orale comprend ce qui, pour le peuple qui ne lit pas, remplace les productions littéraires.” (apud CASCUDO, 1984, p. 23). Essa literatura oral é composta de provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, brinquedos cantados, cantigas de ninar (acalantos), anedotas, lendas e cantos. Duas fontes contínuas



mantêm sua persistência cultural: uma é exclusivamente a transmissão oral do material citado e a outra fonte é a reimpressão dos antigos livros vindos da Espanha ou de Portugal e que eram motivos literários dos séculos XIV, XV, XVI, XVII, como por exemplo, a Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos Magno e os Doze Pares de França. As novelas ou romances antigos são absorvidos pela tradição e assimilados na poética dos desafios, dos versos da literatura de cordel, para serem cantados ou declamados. Portanto, segundo Cascudo, as fontes da literatura oral brasileira são o material mantido e fixado pela tradição e oriundo das reimpressões de livros cujos temas ou motivos receberam gradativas adaptações populares.

Câmara Cascudo assim relata a presença da tradição portuguesa migrando para o processo civilizatório do Brasil:

O português emigrava com o seu mundo na memória. Trazia o lobisomem, a moura encantada, as três cidras do amor, a Maria Sabida, doce na morte, agra na vida, as andanças do Malazarte, todo o acervo de histórias, bruxas, fadas, assombrações, homem de sete dentaduras, moleque da carapuça vermelha, cabra-cabriola, gigantes, príncipes, castelos, tesouro enterrado, sonho de aviso, oração-forte, medo do escuro... E que lia ele? Lia e ouvia ler, mais seguramente, História da Imperatriz Porcina, Roberto do Diabo, Trovas de Bandarra, no século XVI. No século XVII, a História da Donzela Teodora, História da Princesa Magalona, João de Calais, a História de Carlos Magno e os Doze Pares de

França. (CASCUDO, 1984, p. 170)

Lia e ouvia ler. Alguém sempre contava para quem não lia. Alguém também cantava, pois os romances eram histórias que se cantavam. Estabelece-se então uma cadeia que se mantém ininterrupta - escrita-oral-escrita-oral-, desde há muito tempo,

A produção e aplicação pedagógica do Caderno Piá 21 é responsabilidade da

Profª Maria Arita Madruga Garcia

Graduada em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas

Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Pelotas

Professora da rede estadual de ensino

Loja da Fundação

Aqui tu encontra
livros,
bombachas,
camisetas,
camisas,
botons,
pastas,
bombas,
cds, dvds e muito mais

Visite nossa loja
ou faça sua encomenda
por telefone ou e-mail

R. Guilherme Schell, 90
Bairro Sto. Antônio - Porto Alegre/RS

(51) 3223.5194

www.mtg.org.br
lojafcg@mtg.org.br



**LIVROS DA
BIBLIOGRAFIA**

R\$ 15,00

R\$ 10,00

R\$ 30,00

Lançamentos



BOMBACHAS

Erva - Mate
Chimarrão

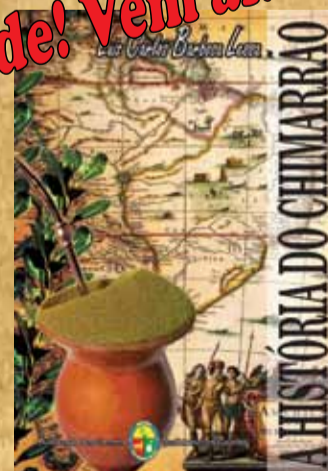
Gaúcha da Serra

Pirvarezinha - RS

ERVA-MATE
Selo MTG

R\$ 6,00

Aguarde! Vem aí...



De Segunda a Sexta

Das 9h às 12h - Das 13h às 18h

Remetemos os produtos para todo o Brasil



em que se intercalam a transcrição dos contos recolhidos da viva voz dos seus transmissores e a pesquisa em fontes bibliográficas. Os livros eram raros nas fazendas e os ditados, as frases-feitas e os provérbios faziam parte do cotidiano das famílias, assim como as imagens expressivas “dar nó em pingo d’água; comprida feito paciência de pobre; boca aberta como sino; o caçador vive da boca da espingarda mas o pescador vive da vontade dos peixes”. Tudo era motivo de uma boa história, desde os assuntos do gado, desaparecimento de bois, ou façanhas de um cachorro, recordações, cangaceiros, furtos de moça, vinganças, crueldades e alegrias.

Depois da ceias faziam roda para conversar, espalhar, dono da casa, filhos maiores, vaqueiros, vizinhos. [...] Todos sabiam contar histórias. Contavam com gestos de evocação e desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma história... (CASCUDO, 1984, p. 15).

A literatura oral e a escrita apresentam algumas diferenças fundamentais:

Literatura Oral	Literatura Escrita
<ul style="list-style-type: none"> • autor desconhecido • origem longínqua e indistinta • texto sujeito a alterações e evoluções, refletindo os valores, desejos e necessidades da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> • autor conhecido (mesmo que não se conheça o nome, autoria é reconhecível pelo estilo e coerência dos textos) • origem mais ou menos recente, mas geralmente atribuível a datas relativamente precisas • texto fixado (sujeito a alterações menores derivadas de erros de copistas ou revisões abusivas)

A dada altura, alguns escritores e investigadores passaram para escrito esses textos, de origem anónima e conservados na memória popular, fixando-os em livro, para que não se perdessem. Por exemplo, no séc. XVI, Perrault, e no séc. XIX, os Irmãos Grimm, recolheram e publicaram muitas dessas histórias. Em Portugal, escritores como Almeida Garrett, Teófilo Braga, ou José Leite de Vasconcelos dedicaram grande parte da sua vida a recolher e publicar contos populares e outros textos da literatura oral e tradicional.

Dentre os diversos tipos de textos que constituem esse patrimônio oral, destacamos:

PROVÉRBIO - Os provérbios são ditos populares (frases e expressões) que transmitem conhecimentos comuns sobre a vida. Muitos deles foram criados na antiguidade, porém estão relacionados a aspectos universais da vida, por isso são utilizados até os dias atuais. É muito comum ouvirmos provérbios em situações do cotidiano. Os provérbios fazem sucesso, pois possuem um sentido lógico.

A maioria é de criação anónima. O provérbio é fácil de decorar e transmitir em função de seu formato simples, curto e direto. Falam sobre diversos assuntos e fazem parte da cultura popular da humanidade. Encontramos provérbios para praticamente todas as situações de vida.

- Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
- Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
- A pressa é a inimiga da perfeição.
- Cavalo dado não se olha os dentes.

- A ocasião faz o ladrão.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- Antes calar que mal falar.
- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
- Cada cabeça, cada sentença.
- Caiu na rede é peixe.
- Casa de ferreiro, espeto de pau.
- O seguro morreu de velho.
- Cada macaco no seu galho.
- Quem tudo quer nada tem.
- Devagar se vai ao longe.
- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Errar é humano.
- Falar é fácil, fazer é que é difícil.
- Filho de peixe, peixinho é.
- Leite de vaca não mata bezerro.
- Nada como um dia depois do outro.
- Não há rosas sem espinhos.
- Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos.
- Nunca digas que desta água não beberes.
- O barato sai caro.
- Onde há fumaça, há fogo.
- Pela boca morre o peixe.
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Quem espera sempre alcança.

ADIVINHAS - também conhecidas como adivinhações ou “o que é, o que é” são perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem as pessoas pensar e se divertir. São criadas pelas pessoas e fazem parte da cultura popular e do folclore brasileiro. São muito comuns entre as crianças, mas também fazem sucesso entre os adultos.



- O que é que é surdo e mudo, mas conta tudo?
Resposta: o livro

- O que é o que é que sempre se quebra quando se fala?
Resposta: o segredo

- Ele é magro pra chuchu, tem dentes mas nunca come e mesmo sem ter dinheiro, dá comida a quem tem fome?
Resposta: o garfo

- O que é que passa a vida na janela e mesmo dentro de casa, está fora dela?
Resposta: o botão

- O que é o que é feito para andar e não anda?
Resposta: a rua

- O que é o que é que dá muitas voltas e não sai do lugar?
Resposta: o relógio

- Qual é a piada do fotógrafo?

Resposta: ninguém sabe, pois ela ainda não foi revelada.

- O que é o que é que sobe quando a chuva desce?
Resposta: o guarda-chuva.

- Você sabe em que dia a plantinha não pode entrar no hospital?
Resposta: em dia de plantão.

- O que é o que é que tem mais de 10 cabeças mas não sabe pensar?
Resposta: uma caixa de fósforos.

- O que é o que é que enche uma casa mas não enche uma mão?
Resposta: um botão

- Qual a única pedra que fica em cima da água?
Resposta: a pedra de gelo.

QUADRA POPULAR - poema com quatro versos, de origem popular, com finalidade lúdica ou satírica, recorrendo a repetições e rimas, de forma a facilitar a sua memorização.

É noite de Santo Antônio
Estalam foguetes no ar;
Põem o manjerico á janela
E vem para a rua dançar.

Dantes para te ver
saltava montes e “vais”
agora para te não ver
salto ainda muito mais.

Primeiro Santo Antônio;
Depois São João;
Depois São Pedro
Para o fim da reinação.

Todos nós temos defeitos
digo isto sem ar de riso
alguns são tortos do corpo
outros aleijados do juízo.

Minha sogra tem mau gosto
Gosta de chita amarela
Ela não gosta de mim
Gosto eu da filha dela.

Ó Vila Real alegre,
Província de Trás- dos- Montes,
Um dia que não te veja,
Meus olhos são duas fontes.

Sete e sete são catorze
Com mais sete, vinte e um
Tenho sete namorados
E não gosto de nenhum.

Viu castelo sem rival
Quem Guimarães visitou.
Foi aí que Portugal,
Em pequenino morou.

Ó minha mãe, minha mãe
Ó minha mãe, minha amada
Quem tem uma mãe tem tudo
Quem não tem mãe não tem nada!

Ai minha mãe!
Tem pena de mim tem tem!
Não sei que doença tenho
Que o trabalho não me faz bem!

CANTIGAS DE NINAR - Cantigas de ninar, ou aca-lantos conhecida também por cantigas para embalar, cantigas de berço, cantigas ou canções de



ninar (nandar), cantigas de adormecer, cantigas de Macuru (indígena) das pequenas canções entoadas pelas mães ou amas para adormecer ou consolar seus bebês.

Boi boi boi
Boi da cara preta
Pega este menino
Que tem medo de careta

Dorme neném
Que eu tenho que fazer
Vou lavar vou engomar
Camisinha pra você.
Ôôôô, a a a a (bis)

Desce gatinho
De cima do telhado
Pra ver se este menino
Dorme um sono sossegado.

Sapo Jururu
Na beira do rio
Quando sapo canta maninho
É porque tem frio
A mulher do sapo
Deve está lá dentro
Fazendo rendinha, maninha
Pro seu casamento.

CANTIGAS DE RODA - São cantigas de roda as brincadeiras cantadas feitas em roda.



Samba lelê
Samba lelê ta doente
Ta com a cabeça quebrada
Samba lelê precisava
De uma chinelada
Oi samba, oi samba, oi samba lelê
Oi samba, oi samba, oi samba lalá
Oi samba, oi samba, oi samba lelê
Bate na barra da saia ou lalá

Nesta rua
Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
Tu também, tu também roubaste o meu
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
É porque, é porque te quero bem

Terezinha de Jesus
Terezinha de Jesus

Deu uma queda e foi ao chão
Acudiu três cavaleiros
Todos três chapéu na mão
O primeiro foi seu pai O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão.

BRINQUEDOS CANTADOS - brinquedos cantados são todas as brincadeiras cantadas que não são feitas em roda.

A JANELINHA

A janelinha fecha, quando está chovendo
A janelinha abre, por que o sol tá aparecendo
Pra lá, Pra cá, pra lá, prá cá, pra lá
Pra cá, pra lá, pra cá, pra lá, pra cá
CABEÇA, OMBRO, PERNA E PÉ

Cabeça, ombro, perna e pé
Perna e pé
Cabeça, ombro, perna e pé
Perna e pé
Olhos, orelhas, boca e nariz
Cabeça, ombro, perna e pé
Perna e pé

SÍTIO DO SEU LOBATO

Seu Lobato tinha um sitio
la-ia-ho
E nesse sitio tinha um boizinho
la-ia-ho
Era mu-mu-mu, pra cá
Era mu-mu-um, prá lá
Era mu-mu-um, pra todo lado
la-ia-ho
Seu Lobato tinha um sitio
la-ia-ho
E nesse sitio tinha um galinha
la-ia-ho
Era có-có-có, pra cá
Era có-có-có pra lá
Era có-có-có, pra todo lado
la-ia-ho...

A BARATA

A barata diz que tem
sete saias de filô
é mentira da barata
que ela tem é uma só
rá, rá, ra
ró, ró, ró
ela tem é uma só
a barata diz que tem
um sapato de fivela
é mentira da barata
o sapato é da irmã dela
rá, rá, ra
ró, ró, ró
ela tem é uma só
a barata diz que tem um anel de formatura
é mentira da barata
ela tem é casca dura
rá, rá, ra
ró, ró, ró
ela tem é uma só
a barata diz que usa
um perfume muito bom
é mentira da barata
ela usa é detefon.

FÁBULA - narrativa breve e simples, em verso ou em prosa, em que as personagens são animais ou seres inanimados. Têm uma função lúdica e moralizante, pois pretende representar as qualidades e os defeitos do ser humano. Fedro, Esopo, La Fontaine, Bocage e João de Deus são alguns dos

fabulistas mais conhecidos.

A raposa e as uvas

Uma raposa que vinha pela estrada encontrou uma parreira com uvas madurinhas. Passou horas pulando tentando pegá-las, mas sem sucesso algum... Saiu murmurando, dizendo que não as queria mesmo, porque estavam verdes.

A moral afirmada no final da fábula é algo como:
- É fácil desprezar aquilo que não se pode obter!

PARLENDAS - As parlendas são versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças. Muitas parlendas são usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes ou apenas por diversão.

Dedo Mindinho
Seu vizinho,
Maior de todos
Fura-bolos
Cata-piolhos.

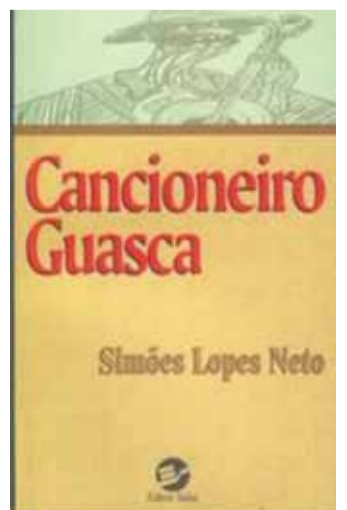
Um, dois, feijão com arroz.
Três, quatro, feijão no prato.
Cinco, seis, chegou minha vez
Sete, oito, comer biscoito
Nove, dez, comer pastéis.

A Literatura Oral no Rio Grande do Sul

A literatura oral no Rio Grande do Sul foi produzida, segundo o Historiador Guilhermino Cesar, antes da chegada dos imigrantes. Ora se alemães chegaram 1824, e italianos em 1875, o período antes dessas datas seria apontado pelo autor como sendo o momento em que a produção ainda era apenas oral, passando a ser registrada por escrito só depois, embora não se possa negar que a produção oral ainda venha sempre sendo produzida e continua circulando no sistema literário gaúcho.

A poesia oral, em geral representada por quadras, mas também por outros tipos de composições, a seguir explicitados, é o gênero mais enfático de nosso cancionário e foi reunida em três coletâneas mais importantes, entre outras, ou seja: Cancioneiro Guasca (1910) de Simões Lopes Neto, Cancioneiro da Revolução de 1835 (1935) de Apolinário Porto Alegre e Cancioneiro gaúcho (1952) de Augusto Meyer. O que caracteriza essa produção é o fato de ser marcada pelo que será o Regionalismo futuro, importante tendência sul-rio-grandense, representado pela literatura que tem o espaço rural como recorte, o pastor de gado - como seu principal tipo-mitificado no monarca das coxilhas, pelo sentimento anti-monarquista, e centauro dos pampas, pelo forte vínculo com o cavalo - e utiliza uma linguagem regional.

O Cancioneiro Guasca de Simões Lopes Neto contém 14 antigos "motivos de fandango", que são letras de músicas para dança, 726 quadras, 27 intituladas "poemetos", 57 "trovas", 14 intituladas "poesias históricas", 12 "desafios" e





12 intituladas “modernas”. No prefácio, nomeado como “Pró-memória”, fica demonstrado o quanto o autor considera o valor documental do texto que é uma forma de conhecimento do universo regional.

Percebe-se na obra de Simões as influências açorianas na cultura popular gaúcha. Das quadras comparadas, as quadrinhas popularmente conhecidas nas ilhas dos açores, a mais fielmente repetida é a que Simões Lopes Neto registrou assim:

*Aqui tens meu coração
E a chave para o abrir;
Não tenho mais que te dar
Nem tu o que me pedir.*
A versão da Ilha Terceira reza:
*Aqui tens meu coração
E as chaves para o abrir;
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.*

Podemos dizer, também, que a literatura oral possui forte influência sobre o literatura escrita. Simões Lopes Neto depois de saborear, durante longo tempo, os causos ouvidos na Estância da Graça, onde vivia seu avô, acabou transpondo-os para os seus Contos gauchescos, Lendas do Sul e Casos do Romualdo, (1976), obras da maior importância para a gauchesca.

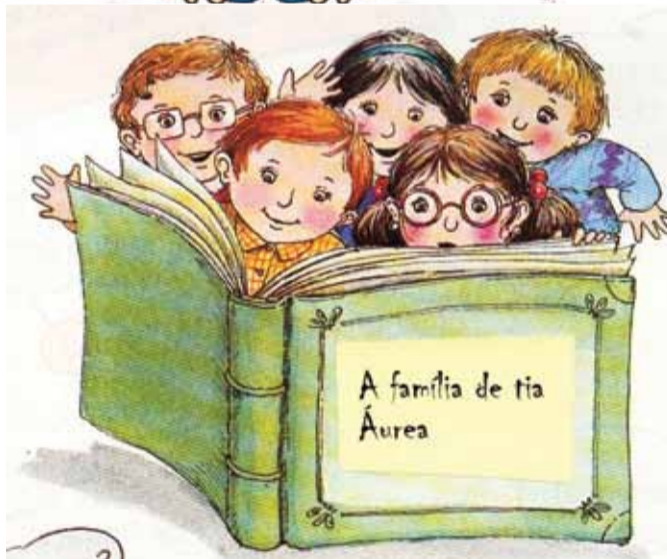
O Cancioneiro da revolução de 1835 que, segundo Guilhermino César, é “a única composição de maior porte da poesia guerreira do Rio Grande do Sul foi editado pela Globo no centenário da revolução de 1835. No prefácio “Poesia popular”, Apolinário Porto Alegre informa que se propõe a documentar o que foi a poesia guerreira, que segundo ele é “uma Ilíada singela”. O organizador da 1ª edição foi Álvaro Porto Alegre, que reuniu os originais escritos em papel almaço, com 50 composições poéticas classificadas como: “hinos”, “quadras”, “adivinhações”, “persignações”, “sátiras”, “sonetos”, “epigramas”, e “liras”.



O Cancioneiro gaúcho, escrito por Augusto Meyer, é uma reunião mais cuidadosa e estudo mais minucioso e crítico da poesia oral. Sua compilação contém 14 “motivos de fandango” 5 “motivos de trova e descante”, cerca de 700 “quadras” e 12 poemas intitulados “motivos da Guerra dos Farrapos. Também, esse autor utiliza uma epígrafe como carta de intenções de retratar o mundo gauchesco.

APLICAÇÃO PEDAGÓGICA:

- Desenvolver atividades voltadas à divulgação de cantigas de roda e brinquedos cantados;
- Resgatar o mundo dos avós através de pesquisas com o intuito de recolher cantigas de roda e brincadeiras cantadas;
- Dia da Vovó na Escola, com participação das avós ensinando os alunos brincadeiras de seu tempo
- Teatro
- Teatro de Fantoques
- Hora da Leitura (comentada)
- Concurso de Quadrinhas
- Gincana de brincadeiras folclóricas
- Concurso de contos, onde os alunos desenvolvam suas habilidades de escrita e criatividade
- Dia do brinquedo
- Hora do conto
- Atividades que propiciem o desenvolvimento de habilidades voltadas para leitura de imagens através dos provérbios.
- Realizar concursos de adivinhações



BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. 8ªed. São Paulo: Brasiliense, 1985.(Coleção Primeiros Passos n.36).
- LUYTEN, Joseph. O que é literatura popular. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos, n.98)
- CASCUDO, Luis da Câmara. Literatura oral no Brasil. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- CASCUDO, Luís Câmara. A literatura oral. In: História da Literatura brasileira. 2ª ed. Rio: José Olympio, 1952, v.6.
- CESAR, Guilhermino. História da literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1971.

Seminário Estadual de Professores

A secretaria de estado da educação (SEDUC) está organizando o seminário para os professores referente ao temas dos festejos farroupilhas do RS. O evento acontecerá no centro administrativo do estado, no dia 07 de junho, tratando do tema: “O RS no imaginário social”.



Foram convidados pela secretaria para palestrar no seminário, a vice-presidente de cultura do MTG, Neusa Marli Bonna Secchi, a conselheira, Maria Izabel Trindade de Moura e o autor do tema e assessor de imprensa do MTG, Rogério Bastos. O objetivo do seminário é instrumentalizar os educadores para que possam desenvolver as atividades em suas cidades, à fim de que a mensagem dos festejos de 2013 consiga chegar ao aluno e aos tradicionalistas apreciadores do imaginário gaúcho.



Você que é aluno, professor, ou tradicionalista, avise na sua escola para que não deixem de participar deste seminário. As informações estarão no blog do MTG e outros blogs de notícias tradicionalistas

